

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

"CORPO E VIAGENS AO ALÉM NO MISTICISMO JUDAICO: PARALELOS POSSÍVEIS ENTRE A APOCALÍPTICA E A LITERATURA *HEKHALOT*"

**III SEMINÁRIO INTERNO DO PROJETO DE ESTUDOS JUDAICO-
HELENÍSTICOS - PEJ -, 26-28 DE NOVEMBRO 2008**

Marcus Vinícius Ramos

Mestrado em História

Prof. Vicente Dobroruka



Corpo e viagens ao Além no misticismo judaico:
paralelos possíveis entre a apocalíptica e a
literatura *hekhalot*¹

Um melhor entendimento da história do pensamento dos judeus, nos dois séculos que antecederam e nos que se seguiram ao nascimento de Cristo, podem ser encontrados na extensa produção literária da época, grande parte dela não incluída nos livros canônicos. Nessas fontes numerosas situa-se a grande maioria dos chamados textos apocalípticos, onde são encontradas concepções teológicas importantes, influenciadas de modo significativo pelo Antigo Testamento. Na apocalíptica revelam-se, por exemplo, preocupações relacionadas ao pecado e às origens do mal, à transcendência divina e à vinda do Messias, à ressurreição e à localização exata do Paraíso.

Esses textos mostram que as divisões internas e as sucessivas conquistas por povos estrangeiros não conseguiram arrefecer o entusiasmo dos judeus por suas tradições. Indicam também que os abusos e perseguições a que foram submetidos, assim como os sentimentos de revolta e desânimo que por vezes os dominaram, contribuíram para manter unida a comunidade na vontade de resistir aos opressores².

Um apocalipse pode ser considerado como o produto de um gênero literário que enfatiza o mundo sobrenatural e um julgamento final, correspondendo, morfologicamente, a uma

¹ Tabela de abreviaturas: *Hipócrates*: MS - Da doença sagrada *Josefo*: AJ - Antiguidades judaicas. *Livros canônicos*: Gn - Gênesis; Ez - Ezequiel; Jó - Jó. *Manuscritos do Mar Morto*: 4Q201 - Enoch aramaico; 4Q530 - Livro dos Gigantes. *Pseudepígrafos do AT*: 2Br - 2 Baruch (apocalipse siríaco); 1En - 1 Enoch (apocalipse etiópico); 2En - 2 Enoch (apocalipse eslavônico); 3En - 3 Enoch (apocalipse hebraico).

² James H. Charlesworth (org.). *Old Testament Pseudepigraph*. New York: Doubleday, 1983. Vol. 1. P. xxviii.



narrativa que descreve uma revelação na forma de visão ou jornada ao Além, suplementada por um discurso ou diálogo, e não é raro neles encontrar uma condenação para os ímpios e um julgamento final. O recorrente viés de encorajamento é outra característica desses textos, que invariavelmente contemplam, do ponto de vista escatológico, algum tipo de retribuição após a morte. Um anjo, que serve de intérprete para a visão ou de guia para a jornada do visionário, encontra-se presente e indica a necessidade da ajuda divina para o entendimento daquela revelação. Para acrescentar distanciamento e mistério, o visionário é sempre uma figura venerável do passado utilizada de modo pseudônimo que manifesta, antes e depois de tomar conhecimento da revelação, o mais completo desamparo diante do Sagrado³.

A literatura apocalíptica envolveu experiências religiosas peculiares que expuseram uma série de novas idéias e conceitos que tinham como objetivo revelar, ao menos para um pequeno grupo de seguidores, aquilo que as Escrituras não diziam explicitamente ou consideravam estar além da capacidade da compreensão dos fiéis. Essas inovações tiveram como origem particularmente dois gêneros literários judaicos, a literatura sapiencial e a profecia, e é sob essa ótica que deve ser estudado o que há de novo e original na apocalíptica em relação às Escrituras canônicas⁴.

Para justificar esse argumento, Gruenwald compara algumas passagens de Jó, um exemplo clássico da literatura sapiencial, com as revelações expressas nos apocalipses. Para Gruenwald, a correlação entre a impotência para se entender as leis naturais e a incapacidade para compreender

³ John J. Collins. *The Apocalyptic Imagination; An Introduction to Jewish Apocalyptic Literature*. Cambridge, MA: Eerdmans, 1998. Pp.5-6.

⁴ Ithamar Gruenwald. *Apocalyptic and Merkavah Mysticism*. Leiden / Köln: Brill, 1980. P.4.



os princípios da justiça divina estão claramente manifestadas em Jó, donde se pode tirar o preceito que o homem, por não conseguir alcançar a sabedoria em termos divinos, deve se contentar em temer a Deus. Nos textos apocalípticos, especialmente no "ciclo de Enoch", essa relação é completamente diferente, já que se torna evidente que, sendo permitido ao homem receber informações acerca do mundo divino, não haveria mais razão para negar-lhe acesso aos segredos da natureza, uma vez que estes não existem sem aquele.

Referências a diversos fenômenos naturais podem ser encontradas em todo o ciclo de Enoch, quase sempre associadas a revelações sobre a organização do mundo divino:

E me tomaram e me levaram a um lugar onde aqueles que lá estavam eram como línguas de fogo e quando queriam, apareciam como homens. E me levaram a um lugar de torvelinho em uma montanha cujo topo alcançava o céu. E eu vi os lugares dos corpos celestiais e os tesouros das estrelas e do trovão e as profundezas, onde havia um arco de fogo, setas e suas aljavas e uma espada de fogo e todos os relâmpagos. E me levaram à água da vida e ao fogo do oeste, o qual recebe o sol cada vez que se põe. E cheguei a um rio de fogo, onde o fogo corre como a água e deságua no grande mar na direção do oeste. E eu vi todos os grandes rios e alcancei a grande escuridão e fui ao lugar onde ninguém caminha. Eu vi as montanhas das tempestades escuras da estação das chuvas e de onde as águas de todos os mares provêm. E eu vi as bocas de todos os rios da terra e a boca do mar. (1En 17:1-8)

E o senhor me chamou e me disse: Enoch, sente-se à minha esquerda, com Gabriel. E eu reverenciei o Senhor. E o Senhor disse: "Enoch, tudo que você está vendo e todas as coisas que estão paradas ou se movendo foram feitas por mim à perfeição e eu mesmo as explicarei a você. Antes que houvesse qualquer coisa, desde o começo, tudo aquilo que existe Eu criei do que não existia e tornei visíveis as coisas



invisíveis. Ouça, Enoch, e preste atenção às minhas palavras, pois nem mesmo aos meus anjos Eu expliquei meus segredos como estou fazendo agora para você. Pois, antes que qualquer coisa visível viesse a existir, Eu, o Único, me movia entre as coisas invisíveis, como o Sol [se move] de leste para oeste e do oeste para o leste. Mas o Sol repousa e Eu não encontrava repouso, pois tudo ainda estava por ser criado. E Eu pensei em fazer uma criação visível. (2En 24:1-5)

Rabi Ismael disse: O anjo Metraton, Príncipe da Divina Presença, me disse: O Ser Supremo, abençoado seja ele, revelou-me, a partir daquele momento, todos os mistérios da sabedoria, toda a profundidade da perfeição da Torah e todos os pensamentos dos corações dos homens. Todos os mistérios do mundo e todas as ordens da natureza se revelaram diante de mim da mesma maneira que se revelaram diante do Criador. Daquele momento em diante eu olhei e vi segredos profundos e mistérios maravilhosos. Antes que um homem pense em segredo, eu vejo seu pensamento; antes que aja, eu vejo seu ato. Não há nada nos céus ou nas profundezas da terra que possa ser escondida de mim. (3En 11:1-3)

Gruenwald chama a atenção para o fato desse conhecimento não ser, no entanto, resultado direto da curiosidade inquisitiva do visionário, mas sim de uma revelação sobrenatural entendida como uma antecipação daquilo que os justos experimentarão no mundo vindouro⁵. A atribuição da revelação a um anjo permitia aos autores dos textos apocalípticos propagarem suas idéias sem maiores riscos de terem sua obra considerada como herética. Dessa forma, foi possível introduzir nos apocalipses um pouco de mitologia não judaica e muito dos propósitos ideológicos de quem os escrevia.

Posta nesses termos, a literatura apocalíptica pode ser vista como uma releitura das idéias prevalentes nas Escrituras, especialmente no que diz respeito às viagens ao

⁵ Idem, pp.8-9.



Além; ela ampliou em determinado momento, de forma substancial, a capacidade intelectual dos homens, não somente no entendimento dos fenômenos naturais, mas também no do entendimento da história e da teodicéia⁶.

Viagens ao Além e ao mundo dos mortos são práticas conhecidas em diversas religiões, como era conhecido, no mundo intelectual influenciado pelo pensamento grego, um profundo interesse pelas coisas da natureza. Esse interesse pode ser avaliado, por exemplo, na importância que a cultura helenística atribuía à separação entre medicina e religião. Para o pensamento grego a doença não representava uma punição divina, mas sim uma consequência de fatores ambientais, dietéticos ou mesmo de hábitos de vida, conforme pode ser visto na tradição hipocrática⁷:

Em relação à chamada doença sagrada, ela me parece não ser nem mais divina nem mais sagrada que qualquer outra doença, mas ter como origem uma causa natural, como qualquer outra afecção. Os homens consideram sua causa e natureza como divinas por ignorância e deslumbramento porque não é como as demais doenças. E essa noção de divindade é mantida pela incapacidade em compreendê-la e pela simplicidade do modo pelo qual é curada, pois as pessoas se livram dela por meio de purificações e encantamentos. Mas se é considerada divina por ser prodigiosa, em vez de uma existem muitas doenças que podem ser consideradas sagradas, pois como mostrarei, há outras não menos maravilhosas e prodigiosas, as quais ninguém imagina serem sagradas.
(MS 1)

Enquanto em todo o corpus documental atribuído a Hipócrates não há uma única menção a "doenças místicas", no mundo judaico submetido à influência grega a associação das coisas da natureza com práticas religiosas motivou uma

⁶ Idem, p.15.

⁷ Henrique F. Cairus. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. Pp.61-62.



intensa atividade filosófica e científica, com a qual nem todos os judeus concordavam, em grande parte em função de sentimentos nacionalistas. Para aqueles que procuravam manter sua identidade era necessário que se preservasse um genuíno espírito judaico e a mensagem dos apocalipses supria, em grande parte, essa lacuna. O preenchimento desses vazios espirituais, proporcionado pela leitura desses textos, surgia em função de um novo entendimento para os problemas do mal e dos sofrimentos humanos, que passavam a ser vistos sob um contexto mais amplo e escatológico, numa perspectiva histórica totalmente regulada por Deus, da criação à salvação⁸.

Literatura e religião sempre caminharam *pari passu* com a história do povo judeu e nos livros apocalípticos a esperança era a principal força a estimular seus autores. Esperança tanto mais intensa quanto maior fosse o desencanto com a situação do mundo onde viviam, onde não havia espaço para os tementes a Deus e no qual somente os perversos triunfavam. Nesses textos não havia outro remédio que não fosse a destruição daquele mundo, de modo a surgir uma nova Era onde finalmente os justos pudessem encontrar a paz. Não é outra a mensagem que abre o *Livro de Enoch*:

E as altas montanhas perderão altura e se desmancharão como um favo de mel diante da chama. E a terra se rasgará em pedaços e tudo que está sobre ela perecerá. E todos, incluindo os justos, serão julgados, mas com esses Ele fará a paz e protegerá os eleitos e com eles estará em Sua misericórdia. Tornar-se-ão propriedade de Deus e serão todos prósperos e abençoados e a luz de Deus brilhará sobre eles. (1En 1:6-9)

A importância das promessas contidas nesse tipo de literatura não foi suficiente, contudo, para impedir ou

⁸ Gruenwald, op.cit. pp.14.



modificar os trágicos resultados da guerra contra Roma em 66-70 d.C. e os da revolta que se seguiu em 132-135 d.C. sob a liderança de Bar Kochba⁹.

A destruição do Segundo Templo não implicou, obviamente, no desaparecimento da religião do povo judeu, muito menos de sua literatura, em cujo *corpus* começou a florescer um tipo particular de misticismo. Esses textos, ainda que associados às revelações sobre segredos cósmicos e viagens ao Além, detalhavam as maneiras e práticas pelas quais aquelas revelações podiam ser obtidas e passaram a ser conhecidos como *hekhalot* ou *ma'aseh merkabah*¹⁰.

Desenvolvendo-se a partir das especulações e expansões das visões do primeiro capítulo de Ezequiel, o misticismo *hekhalot* permeia a pseudepigrafia intertestamentária, lembrando aqui e ali textos gnósticos e fragmentos dos Manuscritos do Mar Morto, sendo que grande parte desses escritos encontra-se mal conservada ou nunca foi impressa comercialmente. "Mais provocador que informativo", também está representado em escritos rabínicos, mas sua maior concentração ocorre num grupo de textos que têm como tema central a descrição da jornada mística do visionário através dos vários palácios celestiais até encontrar a visão final do trono-carruagem de Deus, e em alguns casos, a própria "figura na forma de homem"¹¹.

Por cima da abóbada que ficava sobre suas cabeças havia algo que tinha aparência de uma pedra de safira em

⁹ David S. Russell. *The Method and Message of Jewish Apocalyptic*. Philadelphia: The Westminster Press, 1964. P.17.

¹⁰ *Hekhal* (pl. *hekhalot*) significa 'palácio' ou 'santuário' através do qual o místico precisa passar em sua jornada para a visualização do trono divino. *Merkabah* refere-se ao "trono-carruagem de Deus" conforme descrito em Ezequiel; *Ma'aseh Merkabah* é um termo talmúdico para a doutrina esotérica do universo, relacionado a teosofia, conforme Ez 1.

¹¹ Don Karr. "Notes on the Study of Merkabah Mysticism and Hekhalot Literature in English" in: <http://www.digital-brilliance.com/kab/karr/mmhie.pdf>. 08/2008.



forma de trono, e sobre esta forma de trono, bem no alto, havia uma forma com aparência humana. (Ez 1:26)

Tal como nos apocalipses, onde muitas vezes representa um caso particular, a autoria dos textos *hekhalot* era atribuída às grandes figuras bíblicas do passado, apresentadas como os personagens de seus livros e fiéis depositários de uma sabedoria secreta. Embora a época em que foram escritos não possa ser determinada com precisão, alguns pesquisadores comparam o mundo que se reflete nessa literatura com uma representação da corte bizantina, apesar de seu tema central anteceder em muito a divisão do Império Romano. De qualquer forma, a maioria dos indícios aponta para uma origem que antecede a expansão do Islã¹².

As maneiras de se descrever a contemplação da glória e do trono de Deus variaram ao longo do tempo. Na literatura mais antiga fala-se de uma "ascensão" à *merkabah*, mas por razões desconhecidas, a viagem visionária passou a ser mencionada como uma "descida" à *merkabah*, em torno de 500 d.C.. Essa inversão até agora inexplicável não parece ter provocado alterações significativas na descrição do processo místico, já que as condições estipuladas para aqueles que pretendiam ser admitidos nesse círculo não se modificaram. Além dos requisitos morais exigidos, o pretendente continuou sendo julgado de acordo com critérios quiromânticos e fisiognomônicos, considerados também "como objetos de conhecimento esotérico entre os adeptos"¹³.

As práticas adotadas para fazer os anjos descerem à Terra e revelarem seus segredos tinham a finalidade de transferir aos seres humanos a sabedoria divina. Preces, imersões, abstinência sexual, dietas especiais ou jejuns

¹² Gershom Scholem. *As grandes correntes da mística judaica*. São Paulo: Perspectiva, 1995. Pp.43-48.

¹³ Idem, pp.50-52.



prolongados, considerados como atividades preparatórias, são encontradas em vários tipos de literatura, mas nos textos *hekhalot*, especialmente naqueles parágrafos que descrevem os modos de suplicar aos anjos a revelação de segredos celestiais, esses preparativos transformam-se em rituais bastante elaborados. Como era de se esperar, essa combinação de elementos místicos e cosmológicos relacionavam Deus, anjos e homens de uma maneira bastante complexa, o que permite se considerar, pelo menos até certo ponto, a literatura *hekhalot* como um "guia prático" para experiências místicas¹⁴.

Nos textos encontram-se diversas instruções, das regras de ascensão e descrições do "trono-carruagem" aos diversos nomes dos anjos e selos, que serviam como senhas para a passagem através dos portões celestiais - enfim, tudo aquilo que era necessário saber para que houvesse uma transferência efetiva da sabedoria divina ao mundo dos homens. Mundo esse que ocupava o centro do universo, envolvido pelas esferas concêntricas dos planetas, do Sol e da Lua. Acima deles, as estrelas fixas e além de todos e de tudo, os diversos níveis do reino divino, onde no mais alto deles situava-se a morada de Deus e sua corte celestial¹⁵.

Após o rigoroso ritual de purificação o místico iniciava sua viagem à *merkabah* com sua cabeça entre os joelhos, muitas vezes recitando hinos que levavam à auto-hipnose, supostamente os mesmos cantados pelas criaturas divinas que suportavam o "Trono da Glória". Em sua jornada para o alto e até atingir seu objetivo final - a visão do trono divino - muitos eram os perigos a que estava exposto o visionário. Essa contemplação da "Glória na figura de

¹⁴ Gruenwald, op.cit. p.99.

¹⁵ Rebecca Lesses. *Ritual Practices to Gain Power: Angels, Incantations and Revelation in early Jewish Mysticism*. Harrisburg: Trinity Press International, 1998. Pp.11-13.



homem" corresponde à parte mais recôndita da *merkabah* e é em um texto da literatura *hekhalot*, conhecido como *Shi`ur Komah*, que se encontra um de seus maiores enigmas - o estudo das medidas do corpo do Criador. No *Shi`ur Komah*, possivelmente escrito no séc.II d.C., são enumeradas as dimensões antropomórficas de Deus e seus nomes secretos, codificados em indecifráveis combinações de letras. Essas combinações teriam sido reveladas ao rabi Akiva noutro texto, o *Hekhalot Zutрати*, o que permitiu a posse, por parte do místico, de um segredo que nem mesmo os anjos podiam compreender¹⁶.

Esses e outros textos, bastante antigos e aumentados por vários tipos de adições posteriores, eram conhecidos na Idade Média como as "pequenas" e "grandes" *hekhalot*. Sob vários nomes e versões, eles circularam nos grandes centros da Europa Medieval e também no Cairo, e eram considerados como documentos autênticos das antigas doutrinas esotéricas, desfrutando de grande autoridade e prestígio nos círculos judaicos mais esclarecidos¹⁷.

Além dos textos mencionados, um pequeno tratado sobre cosmogonia e cosmologia, escrito muito provavelmente entre os sécs.II e VI d.C., exerceu enorme influência nos círculos judaicos da Idade Média. Intitulado "*Livro da Criação*" (*Sefer Yesirah*)¹⁸, tinha fortes vínculos com as especulações judaicas relacionadas à sabedoria divina. Em seu primeiro capítulo lia-se que "nos trinta e dois maravilhosos caminhos da sabedoria Deus moldou e criou o Seu mundo", sendo que os dez primeiros correspondiam aos números primordiais e os demais às vinte e duas consoantes

¹⁶ Gershom Scholem. *Kabbalah*. New York: Meridian, 1978. P.16.

¹⁷ Gershom Scholem. *Origins of the Kabbalah*. Princeton: The Jewish Publication Society, 1987. Pp.23-24.

¹⁸ Isidor Kalish. *Sepher Yezirah: A Book on Creation*. New York: L.H. FrankCo., 1877.



do alfabeto hebraico. Aos dez números primordiais era atribuída a denominação de *sephirot* e a cada um desses números estava associada uma categoria da criação, surgindo cada uma delas daquela que a antecedeu. Assim, ao espírito de Deus, que corresponde à primeira *sephirah*, seguiram-se o ar, a água e o fogo. Do ar primordial Deus criou as vinte e duas letras do alfabeto e do fogo, o "Trono da Glória" e sua miríade de anjos. As seis últimas *sephirot* representavam as dimensões do espaço e não se originaram uns dos outros, mas encontravam-se conectados aos demais e como tal formavam uma unidade¹⁹.

As vinte e duas consoantes, por sua vez, constituíam "as letras pelo meio das quais o Céu e a Terra foram criados" e foram foneticamente divididas em três grupos, o primeiro deles contendo as três matrizes que correspondiam aos elementos derivados das primeiras *sephirot*: ar, água e fogo. Essas letras tinham também correspondência com as três divisões do corpo - cabeça, torso e estômago. No segundo grupo encontravam-se sete consoantes duplas, correspondendo aos sete planetas, céus, dias da semana e orifícios do corpo. As consoantes duplas eram ainda análogas às seis dimensões: altura e profundidade, leste e oeste, norte e sul e no centro, o templo, que as suportava. Por fim, às doze letras remanescentes correspondiam os signos do zodíaco e os meses do ano. Esses elementos continham a raiz de todas as coisas e tanto o Bem como o Mal tinham origem no mesmo processo, variando apenas sua combinação. A concepção de um poder mágico emanado de letras e palavras fez com que o *Livro da Criação* fosse lido e interpretado como um verdadeiro manual para os iniciados

¹⁹ Scholem, *Origins of the Kabbalah*, pp.25-27.



naquele que é provavelmente o mais enigmático dos misticismos judaicos - a Cabala²⁰.

A estrutura peculiar do pensamento judaico em relação a seus corpos, manifestada com freqüência pelos autores da literatura apocalíptica, está em completo desacordo com o modelo greco-romano associado à tradição hipocrática da época. Enquanto os gregos rejeitavam, como já visto, a influência de forças divinas ou sobrenaturais como causas de doenças, acreditando que a manutenção da saúde dependia basicamente do equilíbrio entre os quatro humores fundamentais - sangue, fleuma, bile negra e bile amarela - a atitude dos judeus em relação às enfermidades baseava-se em premissas diversas e em leis religiosas. Contrariando o pensamento hipocrático, onde a doença surgia como resultado de tensões internas, os judeus acreditavam que a manutenção da saúde dependia da observância de um rígido código de regras que controlasse as tensões externas. No cotidiano de uma família, por exemplo, qualquer alimento tocado por não judeus poderia tornar-se poluído e como tal, sua ingestão devia ser proibida²¹.

Quanto ao tratamento, as técnicas da medicina judaica consistiam na aplicação de fórmulas mágicas para extirpar o mal, quase sempre devido à presença de demônios, de dentro dos doentes. Atribuía-se à sabedoria de Salomão, por exemplo, sua capacidade em combater esses demônios, conforme relata Josefo:

Deus também permitiu a ele aprender a técnica contra os demônios para o benefício dos homens. Ele fazia uso de encantamentos que permitiam o alívio das doenças bem como de práticas de exorcismos que os expeliam os demônios de modo a que não retornassem. (AJ 8.45)

²⁰ Idem, pp.30-33.

²¹ Gedaliah Alon. *Jews, Judaism, and the Classical World: Studies in Jewish History in the Times of the Second Temple and Talmud*. Jerusalem: Magnes Press, 1977. Pp.190-234.



A medicina judaica era simples, muitas vezes resumida a um gesto ou palavra, exigindo quando muito um ato de exorcismo. É ainda em Josefo que vamos encontrar referências a esse tipo de terapêutica:

E esta forma de tratamento permanece forte entre nós até os dias de hoje. Eu mesmo conheci um certo Eleazar, que faz parte do meu próprio povo, o qual, na presença de Vespasiano e seus filhos, bem como de seus tribunos e uma multidão de soldados, livrou aqueles possuídos pelos demônios. (AJ 8.46)

A doença e a poluição, consideradas males externos, podiam, portanto, desde que aplicado o recurso correto, ser eliminadas de uma só vez, deixando o paciente novamente puro e sadio. O zelo que essa demarcação entre o corpo purificado e o espaço do sagrado não encontrava paralelo no mundo antigo e não é de espantar que os autores apocalípticos considerassem a sociedade da época gravemente enferma.

A crença que a relação de um indivíduo com seu próprio corpo pode dar informações sobre suas atitudes para com a sociedade tem sido enfatizada por alguns autores modernos. Nesta linha de pensamento, "uma sociedade unida e tranqüila dentro de si mesma, mas necessitando de proteção contra pressões externas provavelmente adotará uma atitude semelhante em relação ao seu corpo"²².

Transpondo este raciocínio para a Judéia, Goodman sugere que a desconfiança geral dos judeus para com os estrangeiros, em grande parte em função de convicções religiosas, coincidiu com o desenvolvimento de um sistema

²² Mary Douglas. *Natural Symbols: Exploration in Cosmology*. London: Routledge, 1970.



coerente para compreender doenças em seus corpos e má sorte em suas vidas:

Terá, portanto, parecido psicologicamente satisfatório à maioria dos judeus tentarem corrigir problemas sociais, bem como físicos, pela proteção dos limites e expulsão do invasor poluente²³.

Parece claro para Goodman que a noção de pureza na atitude de judeus palestinos em relação aos seus corpos os fez ver sua sociedade de modo estruturalmente análogo, onde as leis, concebidas para definir os limites do sagrado no mundo judaico, tinham também como finalidade a separação da comunidade do mundo exterior.

Na concepção judaica antiga, o homem não era, como no pensamento grego, apenas o invólucro mortal de uma alma imortal, mas uma entidade única:

Aquele que faz mal à alma de um homem maltrata sua própria alma e para ele não haverá cura para suas feridas nem qualquer tipo de perdão na eternidade [...] Aquele que mata a alma de um homem mata também sua própria alma e assassina seu próprio corpo e não haverá cura para ele na eternidade. (2En 60:1-2)

Vale dizer que o homem devia ser considerado mais "como um corpo animado que uma alma encarnada", dotado de propriedades psíquicas e físicas que podiam, por sua vez, ser exercidas por seus diferentes órgãos²⁴.

O significado psicológico que os escritores apocalípticos atribuíam aos sistemas orgânicos foi

²³ Martin Goodman. *A classe dirigente da Judéia: as origens da revolta judaica contra Roma, 66-70 d.C.*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. P.107.

²⁴ Henry W. Robinson. "Hebrew psychology in relation to Pauline anthropology" in: *Mansfield College Essays*. London: /s.ed/, 1909. Pp.265-286.



analisado por Russell²⁵, que identificou e quantificou o número de vezes que cada órgão foi mencionado com aquele sentido. Entre os órgãos centrais o coração, considerado na maioria das vezes, como *locus* da personalidade ou do caráter é o órgão mais vezes citado nos textos apocalípticos. Vamos encontrar, por exemplo, relações entre o coração e o pecado (4Ezra 3:21), a aflição (1En 99:16), a surpresa (2Br 70.2). Russell relaciona ainda outros órgãos considerados centrais, como os intestinos (emoções de diversos tipos), o fígado (raiva), os rins (meditação), vesícula (amargura), baço (riso) e o útero (benção), sem deixar de observar que existe uma grande superposição de funções entre estes órgãos. Os textos apocalípticos também atribuem funções psicológicas a órgãos periféricos, como por exemplo, a boca, que pode ser impura (1En 5:4) ou a língua, que pode ser amarga (2En 46:2).

Quanto à palavra "alma", essa podia representar o princípio da vida, associado ao significado primário da palavra (sopro) ou mais comumente, representar a consciência humana, fosse ela de forma integral ou expressando uma de suas múltiplas facetas, como o estado emocional, por exemplo. Nas demais situações a "alma" separava o animado do inanimado²⁶.

Os autores dos apocalipses, porém, muitas vezes distinguem a alma do corpo, de modo que aquela pudesse sobreviver num estado 'desencarnado' após a morte. Os mortos nesses casos habitariam o *sheol* como almas separadas do corpo e poderiam sobreviver como seres conscientes capazes de expressar sentimentos e tomar decisões responsáveis. No entanto, essa separação teria que ser temporária, pois essas almas não passariam de

²⁵ Russell, op.cit. pp.140-145.

²⁶ Russell, op.cit. p.145.



"personalidades pela metade", esperando a ressurreição do corpo para poderem ter uma expressão completa. Somente unidos corpo e alma do morto poderiam experimentar a totalidade da companhia de Deus e participar de um mundo vindouro²⁷.

Esta concepção representa uma "alteração significativa de percepção em relação ao Antigo Testamento, no qual está enraizada a convicção que ao morrer tudo que é deixado é um corpo sem vida de um lado e uma 'sombra', não uma 'alma', do outro"²⁸.

Sua introdução nos textos místicos judaicos não indica, todavia, que haveria necessidade de ressuscitação apenas para os justos, únicos participantes de um reino futuro de onde os perversos seriam excluídos. Os apocalipses ensinam que tanto aqueles quanto esses se apresentarão diante do Senhor no dia do Juízo Final, pois para um homem ser punido por eventuais pecados cometidos por seu corpo é nesse mesmo corpo que a pena deve ser aplicada. A punição deve ser aplicada à personalidade integrada por corpo e alma e não à uma "personalidade truncada" na forma de uma alma desencarnada:

Suas almas foram tomadas pela luxúria, de modo que seus corpos serão punidos, pois eles negaram o Senhor [...] e à proporção que aumentam o grau de queimadura de seus corpos também aumentarão as mudanças em seus espíritos, para todo o sempre. (1En 67:8-9)

O conceito de unidade de corpo e alma foi aos poucos sendo substituído - na medida em que a própria religião se adaptava à realidade da destruição do Segundo Templo - pelo de separação entre eles e tanto a literatura apocalíptica

²⁷ Idem, p.375.

²⁸ Idem, p.147.



quanto a *hekhalot*, que a permeia, expressam essas modificações²⁹.

²⁹ Scholem, *Origins of the Kabbalah*, p.24.